

# **A importância da pesquisa em Teologia: a Teologia da memória ou teologia da inteligência?<sup>1</sup>**

*Prof. Dr. Antônio Máspoli de Araújo Gomes<sup>2</sup>*

Eu tenho uma ligação quase umbilical com a Teologia, porque fui professor no Seminário Presbiteriano de Teologia do Rio de Janeiro de 1983 a 2004 e em outros seminários também. Em todo esse período me dediquei à sala de aula. Na verdade minha estreia foi em um seminário, o Seminário Unido do Rio de Janeiro, em São Gonçalo, Estado do Rio. Dessa forma, toda vez que tenho a oportunidade para falar para pessoas ligadas ao campo da Teologia fico muito feliz, porque estou voltando às minhas origens. A Teológica não é um seminário, é uma faculdade respeitada no cenário teológico brasileiro. Conceituadíssima e com uma proposta pioneira. Este é um projeto pioneiro no Brasil e não apenas desta faculdade.

O segundo seminário brasileiro da ANPTECRE (Associação Nacional de Professores e Pesquisadores em Teologia e Ciências da Religião) aconteceu esta semana. Foi um encontro com professores de cursos de Pós-graduação em Teologia e Ciências da Religião do Brasil inteiro. Tanto o CNPq, quanto a CAPES colocaram como prioridade nacional a pesquisa em Teologia e Ciência da Religião, portanto os alunos e professores, assim como, a diretoria e coordenação da teológica estão de parabéns, logo não irá caber gente num auditório como esse. A pesquisa em Teologia no Brasil é sempre pioneira, posto que é um campo em construção em nosso país. No Seminário, quando ainda era seminarista, lembro-me de um professor de 70 anos de idade que se orgulhava na sala de aula de ainda usar o mesmo caderno de quando ele ainda fora aluno. Mas com o passar dos anos o espiral do caderno se perdeu e ele ficou só com as folhas. Fizemos um trote com ele, alguém o chamou para atender ao telefone, eu fui lá à mesa dele e misturei todas as folhas de seu caderno. Ele acabou não

---

<sup>1</sup> Palestra de abertura da I Mostra de Pesquisa em Teologia e II Jornada Científica da Faculdade Teológica Batista de São Paulo, 29 de agosto de 2009.

<sup>2</sup> Antonio Máspoli de Araújo Gomes é Bacharel em Psicologia pela Faculdade de Biologia e Psicologia Maria Theresa (1988); Bacharel em Teologia - Seminário Presbiteriano do Sul (1981); tem Licenciatura Plena em Psicologia pelo Instituto de Ciência e Tecnologia da Faculdade Maria Thereza (1987); possui curso de Formação de Psicólogo pela Faculdade de Biologia e Psicologia Maria Theresa (1988); Mestre em Psicologia (Psicologia Social) pela Universidade Gama Filho (1995); Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (1999). É Pós-Doutor em História das Ideias pelo Instituto de Estudos Avançados da USP (2003). Psicólogo Social e clínico. É pesquisador visitante do Laboratório: Estudos de Psicologia Social da Religião da USP onde realiza pesquisas no campo da psicologia cognitiva da religião. É professor titular da Universidade Presbiteriana Mackenzie no Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião.

conseguindo dar o restante da aula e foi embora na hora para não perder a compostura e não nos agredir. Depois fomos atrás dele para falar que era um trote de fim de curso e pedir perdão.

Eu venho da tradição teológica onde temos que repetir as coisas para não errar. Aquele professor estava fazendo apenas o que lhe fora ensinado, repetindo, reproduzindo. E, há algumas décadas, tenho trabalhado com isso no campo da Filosofia da Ciência, tentando resolver essa questão. Assim, hoje vou procurar fazer um breve resumo do curso que dou na pós-graduação em Ciências da Religião do Mackenzie.

## **COMO SE DÁ O CONHECIMENTO?**

Vamos iniciar com uma pergunta fundamental: Como o teólogo produz conhecimento? Aquele antigo professor não queria errar em sua teologia, para isso, usava o mesmo caderninho das lições que os antigos professores norte-americanos lhe ensinaram. Na verdade, o Homem produz conhecimento por meio da memória e da inteligência. Considerando o exemplo de meu antigo professor, fica muito claro que a nossa Teologia brasileira, nesse sentido, tem sido uma teologia da memória. Estudando Paulo Freire, quando ainda era jovem, cheguei a descobrir que esse era um problema da educação em geral. Paulo FREIRE (1987) chamava isso de educação bancária. Durante as aulas o professor transmitia conhecimentos para serem memorizados e, no dia da prova, o aluno devolvia os mesmos conhecimentos. Em outras palavras, nosso sistema escolar foi desenvolvido em cima da memória.

A diferença entre educação católica e protestante é que já no século XIX (GOMES, 1999) os protestantes trouxeram para o Brasil a educação pela inteligência. Mas com o processo de aculturação do protestantismo no Brasil, nós acabamos voltando à educação pela memória. Assim como o papagaio não responde às perguntas e não aprende a fazê-las. Ele só decora e responde. A memória reproduz o conhecimento. Até no nível de Mestrado, existe professor que dá prova baseada naquelas questões cujas respostas cabem apenas dentro das “aspas”. Não há espaço para reflexão. É como pintar a estrela da tia no primeiro dia de aula, do ensino fundamental.

Inteligência não é memória (HOWARD, 2000). Inteligência não produz conhecimento, a inteligência existe para trabalhar com as informações recebidas. Paul RICOEUR (2007) trabalha com este tema no livro *Memória, a história e o esquecimento*. Nossa cultura esta acostumada a ter pessoas que chegam a fazer quatro ou mais graduações, mas que não sabem fazer

nada com os conhecimentos que adquiriu, não aprendem como aplicá-lo. A inteligência é a capacidade de resolver problemas e, sempre que falo isso, conto uma história: uma pessoa para em frente a um hospício para trocar o pneu do carro e deixa os quatro parafusos caírem num bueiro, logo fica sem saber o que fazer, daí então, um louco à porta do hospício diz para ele: “por que você não tira um parafuso de cada roda para prender a roda que você precisa colocar no carro? Assim, você terá todas as rodas no lugar com três parafusos e depois compre os quatro parafusos que perdeu”. O rapaz logo perguntou: “Como você é louco e consegue resolver esse problema?” O louco respondeu: “Eu sou louco, mas não sou idiota!”.

Como acabei de falar, a inteligência consiste na capacidade de resolver problemas. As pessoas que se utilizam mais da inteligência do que da memória, acabam tendo sucesso na medida em que conseguem descobrir atalhos corretos na busca da solução de problemas ou na busca de respostas a questões importantes.

Desta forma, a escola teológica deveria instrumentalizar os alunos para que aprendessem a resolver problemas teológicos e não para repetir os ensinamentos de seus professores. Enquanto que a educação baseada na memória é inútil e serve apenas para fazer citações, a educação baseada na inteligência é uma educação a para vida, pois a primeira maneira de adquirir conhecimento é pela experiência.

O físico Fritjof CAPPRA (1975) colocou a Física no nível da Teologia, no livro *O Tao da Física*. Segundo ele, ninguém jamais viu uma partícula alfa, gama, beta etc., mas acreditam que elas existam, merecem páginas e páginas de pesquisa. O desafio da Teologia é romper com o casulo do conhecimento baseado na memória e instaurar outra saída da experiência, isso gera sabedoria popular. Por exemplo, as vovós do passado ensinaram a comer laranja com feijoada. Hoje, sabe-se pelas pesquisas realizadas nas grandes Universidades brasileiras que a laranja serve para fixar o ferro no organismo.

Outro jeito para a produção do conhecimento é por intermédio de ensaio - erro, mas nós só comemoramos o acerto, como as crianças fazem. Thomas Alva Edson fez duas mil experiências, até conseguir inventar a lâmpada elétrica. A cada experiência fracassada ele escrevia em seu caderno: estou diminuindo a margem de erro. A camisa de força da nossa Teologia é o medo de errar. Veja que a banca examinadora não elogia trabalho de aluno nenhum, porque na banca se trabalha com o critério científico de Karl Popper: o critério da refutabilidade. “Teólogo não pode errar”. Se o teólogo não pode errar como pode aprender?

Existe outra forma para a produção do conhecimento, que é por *insight*. Por exemplo, você tem a maioria dos dados de um determinado problema em suas mãos e não sabe como eles se encaixam, nem onde está a chave do quebra cabeça. É aqui que o *insight* funciona. Numa certa ocasião, Alceu Amoroso Lima, O Trystão de Ataíde, afirmou que Albert Einstein teve somente um *insight*. (Ad. Tempora).

O conhecimento pode também ser produzido pela intuição que é o contrário do *insight*. Neste caso, você tem menos informações ainda sobre o problema a ser resolvido, mas aquela intuição o leva a compreensão do todo.

A pesquisa se utiliza da experiência, da memória, do ensaio - erro, do *insight* e da intuição, mas tudo isso com muito trabalho duro e bem disciplinado. A pesquisa tem de ser sempre muito prática e deve ser iniciada onde vemos algo que nos incomoda. Na verdade, a única Teologia que surge de um diálogo com a realidade no Brasil é a Teologia da Libertação (MENDONÇA, 2007).

## **O QUE É UMA TEORIA?**

Podemos afirmar que teoria é uma explicação razoável e lógica, para esclarecer um fenômeno, num determinado espaço de tempo. (GEWANDSZNAJDER, 1989). A teoria é muitas vezes relacionada com a verdade, mas ela não tem nenhum compromisso com a verdade ou mesmo com a mentira, é uma explicação provisória. Se pegarmos verdade e mentira como critério não produzimos conhecimento, posto que na Ciência é preciso se valer da suspeita. A teoria serve para compreender razoavelmente o que se propõe a pesquisar. Daí a teologia tem que dialogar com as mais diversas áreas do saber, em especial com as Ciências Humanas. Você já percebeu que quase a totalidade dos livros teológicos publicados no Brasil são traduzidos de outro idioma? Isso é apenas reprodução. Nós brasileiros já temos material escrito e humano para começarmos uma reflexão nacional.

No seminário teológico, o aluno chega com sua teologia e sua teoria, mas não consegue encontrar o objeto. Ora, quem escolhe a teoria é o objeto que você vai estudar. Sem teoria não há como explicar melhor um fenômeno. É preciso lembrar que o pomo da discórdia da teologia com as ciências é que, modernamente, se criou uma crise artificial entre Fé e Razão. Até para os pais da igreja a fé era a porta para o conhecimento. Isso se agravou tanto que ser crente passou a ser sinônimo de ignorância e

fanatismo. Eu costumo brincar e dizer que quanto mais ignorante mais tem certeza daquilo que se conhece, isto é, a crença é diretamente proporcional a ignorância. Quando a fé deveria ser diretamente proporcional ao conhecimento na comprovação da célebre expressão de Santo Agostinho: “Eu cri, por isso compreendi”. (Ad. Tempora).

Mas é preciso considerar que a fé é a chave para resolver a ignorância. Já ficou constatado que, na sociedade brasileira, os protestantes lêem mais que outras fatias da sociedade. O conhecimento de Deus pressupõe romper com a crença sem fundamento e com a ignorância. A fé é pessoal e intransferível. Nós somos confessionais, mas fazer pesquisa no território confessional poderá não ser razoável se não houver diálogo com as Ciências. É preciso considerar que não existe crise entre Fé e Razão, o que existe é crise entre Razão e Ignorância. (GOMES, 1999).

Se levarmos em contar esses detalhes, tudo que fizemos em teologia vai acabar quebrando paradigmas. Muitas vezes o teólogo acha que o mais importante é estar preocupado com o que Jesus come lá no céu. Segundo Agostinho, o passado não existe, só existe como lembrança. O futuro não existe nem como possibilidade. O que resta é tempo presente, o *kairós* de Deus. Portanto, em minha opinião, o grande desafio é fazer Teologia para compreender o presente, por exemplo, vamos nos preocupar com o que os pobres não têm para comer e o rico tem demais, a ponto de ficarem obesos. Observar que problemas se levantam no cotidiano e que respostas temos para dar a partir da hermenêutica bíblica. Na obra *Profissão Teólogo?* (BARTOLI, 1996) e no livro *Teologia: Ciência e Profissão*, (GOMES, 2007) são arroladas algumas habilidades para se fazer Teologia no Brasil.

Algumas dessas habilidades se referem ao fazer teológico e outras se reportam ao próprio teólogo. Dentre aquelas que se referem ao fazer teológico destacamos:

a) Capacidade para analisar o contexto que atuam na produção de um determinado evento histórico ou social, isto é, as variáveis históricas sociais, econômicas, religiosas etc., que concorrem para a consecução de um fato social. O teólogo analisa o tecido social de um lugar privilegiado posto que se utilize de uma cosmovisão que serve de sustentação para a cultura ocidental desde as suas origens. A fragmentação desta cosmovisão, a partir da Reforma Religiosa do Século XVI, impõe a necessidade de uma análise mais minuciosa do contexto que envolve o fato teológico. Na análise do contexto, nenhum dos seus aspectos constitutivos é negado e o horizonte de compreensão teológica nunca pode

ser excludente. O teólogo trabalha com a certeza de que sua condição de compreensão do Universo é aceitar submeter seu saber e suas dúvidas ao crivo da Sabedoria de Deus, “escândalo para os judeus, loucura para os pagãos”. (I Coríntios 1.23).

b) Capacidade de conviver com a crise de paradigmas. Toda crise deve ser vista como uma possibilidade, um rito de passagem para novas oportunidades e nunca como um fim em si mesmo. A Igreja, como instituição humana, acumulou um tesouro de experiência no enfrentamento de crises e conflitos ao longo dos seus mais de dois mil anos de existência e pode utilizar toda esta experiência acumulada no enfrentamento das crises atuais: daí o teólogo viver uma crise permanente de paradigmas. Seu modo de pensar, sentir e expressar seu pensamento e seus sentimentos está constantemente sendo desafiado. Ele está frequentemente se surpreendendo no papel dos amigos de Jó ou de Nicodemus, ou da Samaritana ou de tantos outros que nunca conseguem aproximar-se de seu interlocutor.

c) Capacidade para desenvolver objetivos altruístas. Podemos parafrasear Milton Nascimento e dizer que “o teólogo vai onde o povo está”. (Ad Tempora). Aquela idéia do teólogo como alguém que conhece a partir das suas reflexões produzidas nas torres de marfim do saber teológico não tem lugar na modernidade. O teólogo precisa ser, acima de tudo, alguém que aprende com Deus para servir ao seu povo. Quanto aos objetivos, são diferentes porque o teólogo, no ato de sua profissão, nunca tem objetivo pessoal. Estes objetivos altruístas devem ser desenvolvidos no espírito de I Coríntios 13.1 “Ainda que eu falasse línguas, as dos homens e as dos anjos, se eu não tivesse amor, seria como um bronze que soa ou como um címbalo que tine”. O teólogo deve compreender que o mundo amado por Deus envolve a ordem de coisas que se rebelou contra o Criador. Isto é, ele precisa estar equipado para a solidariedade e engajamento no mundo: deve manter um diálogo e uma familiaridade com os anseios, as angústias, as alegrias e os sofrimentos mais profundos do Homem e da comunidade onde vive. Ninguém mais está disposto a aceitar um discurso solidário e engajado quando este é proferido por alguém que se apresenta concretamente desligado do mundo real. Procuram-se teólogos que compartilhem a precariedade da condição e das certezas humanas, a fragilidade da sociedade na qual estão inseridos. A luta do dia-a-dia para conseguir o pão e a alegria de descobrir junto com os outros, um pouco da luz que lhes ilumina o caminho da fé, da esperança e do amor.

d) Capacidade de fazer teologia para a glória de Deus. No entanto, viver e trabalhar para a glória de Deus não se confunde com a arte contemplativa

dos monges nos monastérios, antes, remete o teólogo para o ato de viver para Deus na difícil arte de servir ao seu povo. Na caminhada com o povo de Deus, no mundo dos Homens na construção da *Cidade de Deus* na vida cotidiana. O teólogo deve caminhar com Deus na caminhada do povo de Deus sem preconceito de sexo, raça, religião ou classe social. Deve glorificar a Deus, especialmente caminhando com os menos favorecidos, com aqueles que foram empobrecidos e marginalizados pelo mundo dos Homens na sociedade sem Deus, na *Cidade dos Homens*.

e) Capacidade de refletir sobre a realidade a partir da revelação natural e encontrar soluções éticas viáveis na revelação especial, na Bíblia Sagrada, a Palavra de Deus. O teólogo deve ser habilitado para aplicar a sabedoria da revelação natural e especial na vivência da caminhada de Deus com o seu o povo. Essa questão pode relacionar-se com o objetivo do fazer teológico:

“Como falar da qualidade da elaboração teológica? Considerando o que diferencia a visão do teólogo em relação aos outros profissionais que tentam pensar o mundo, onde ele pode buscar os critérios que lhe permitam avaliar a qualidade do seu trabalho”. (BARTOLI, 1996. p. 65).

BARTOLI (1996) na obra *Profissão Teólogo?* aponta três caminhos na arte de elaborar a reflexão teológica: essa digressão sobre o processo de mudança de enfoque no mundo empresarial pode sugerir que refletir sobre a qualidade da elaboração teológica exige uma indagação prévia: para quem o teólogo estaria fazendo teologia? Vejo três respostas possíveis: para si mesmo - os critérios de qualidade resumem-se à bem-aventurança da auto-beatificação de quem está se repimando com o próprio ego, id e superego confundidos. *ad maiorem Dei gloriant!* Se for o Deus revelado por Jesus Cristo, Ele demonstra grande preocupação com os frutos que brotam da aceitação de Sua Palavra pelas pessoas que vivem em uma história determinada. Isso nos remete ao universo concreto das pessoas que vão ter contato com a teologia elaborada. Para seus consumidores - a palavra pode parecer chocante, mas não deixa de fazer sentido. Afinal, escrevemos ou falamos para alguém que quer tirar algo de bom para a própria vida.

f) Capacidade para buscar uma aprendizagem permanente que lhe permita relacionar a sua visão de Deus (Teovisão), com a sua visão de mundo (Cosmovisão) sem permitir que a Religião seja apenas um objeto de alienação e legitimação da realidade. A Teologia deve se colocar a serviço da transformação da realidade social. A questão sobre quem deve ser transformado primeiro o Homem ou a realidade social não se coloca no

contexto da América Latina. Nesse contexto, ambos carecem de transformações profundas. O teólogo precisa estar consciente de que se constitui no mediador privilegiado dessas duas realidades, perante a comunidade do povo de Deus:

1) Visão do mundo: existe uma busca de instrumentos que permitam uma visão mais sistêmica da complexidade da realidade, devido a uma tomada de consciência da limitação das tentativas de explicação mais lineares e unívocas. Embora, devendo lutar contra o preconceito de ser visto como portador de uma visão sistemática, predeterminada e fechada, o teólogo aparece, também, como tendo chaves de interpretação que permitem considerar variáveis importantes na definição do sentido da vida pessoal e social. As abordagens comportamentais, atualmente usadas nos estudos organizacionais, revelam-se insuficientes para enfrentar a complexidade maior do tecido de relações em que estão inseridas as empresas.

2) Visão de Deus: a busca do Sagrado, da dimensão espiritual da vida, num contexto reconhecido como complexo, é real. Procura-se uma presença à qual se pede segurança, bem-estar, sucesso e afastamento de qualquer tipo de mal. Essa busca é individual e, embora envolva certa preocupação com os outros, não chega a despertar a consciência de que Deus está presente e atuante em todas as dimensões da história de cada Homem, bem como da humanidade. O teólogo vai contribuir explicitando todas as conseqüências.

g) Capacidade para enfrentar o desafio da hermenêutica, isto é, interpretar a Palavra de Deus, com aquela fidelidade requerida pelo seu autor, o Espírito Santo, para o Homem contemporâneo. Numa reflexão que harmonize a vontade de Deus com as necessidades humanas no século XXI, na difícil tarefa de proclamação do *kerigma* sem anacronismos teológicos e culturais. O teólogo é o mediador, por excelência, entre a palavra revelada e a cultura. Nesta tarefa o teólogo pode lançar mão da hermenêutica como ferramenta e como habilidade. Em relação às habilidades, parece que se confere ao teólogo uma espécie de delegação da tarefa de reflexão. A problemática que ele traz à tona está presente em todo ser humano, de um modo mais ou menos consciente e premente. Como não se sabe bem o que fazer com isso, passa-se ao teólogo a incumbência de levar adiante a tarefa de esclarecer a misteriosa realidade, tornando-a acessível, com uma linguagem mais clara. Para esse propósito, podem contribuir algumas habilidades:

1) Hermenêutica: interpretar os vários aspectos de uma mesma realidade por meio de uma referência evangélica explícita. É o diferencial que deve

ser assumido para poder entabular um diálogo eficaz, embora tenso, com os outros protagonistas sobre as reconhecidas contradições e ambiguidades cada vez mais percebidas na sociedade e no mundo empresarial. É abrir a possibilidade de sair de alguns impasses que impedem mudanças de comportamento e ação.

2) Dialética: a dificuldade é passar da interpretação de que deve ser global à práxis empresarial que acontece na ambiguidade e na precariedade de um contexto de muitas variáveis. O desafio do teólogo é, ao mesmo tempo, desenvolver seu trabalho de interpretação e reconhecer a autonomia da decisão de quem tem responsabilidade de conduzir a ação empresarial. A partir das decisões tomadas, recomeça seu trabalho de interpretação e avaliação das decisões tomadas e da ação decorrente. A convivência não será fácil.

3) Discernimento: talvez seja a competência mais desejada e invejada por quem tem responsabilidade no mundo econômico empresarial. O discernimento dos espíritos tem um vasto campo de aplicação, desde as escolhas estratégicas fundamentais até a avaliação de muitos problemas intra-empresariais. Muitos conflitos têm de ser colocados no seu verdadeiro enfoque: o choque entre egoísmos antagônicos que se recusam a ceder em função de um bem comum para todos os membros da organização e da sociedade. As explicações psicológicas, sociológicas ou econômicas são cada vez mais percebidas como insuficientes para a avaliação de certas situações ou orientações. A interpretação teológica de uma determinada situação deve permitir maior conscientização da responsabilidade de cada autor. A grande questão é aceitar pagar o preço da mudança de um discurso mais responsabilizador.

4) Rigor: substituir o “achismo” por um saber consistente e elaborado, permitindo perceber o que é essencial à revisão de paradigmas. Propicia a busca de instrumentos mais adequados para agir em conformidade com o sentido descoberto. É fácil e tentador refugiar-se em algumas considerações gerais e inócuas sobre os insondáveis desígnios de Deus, fugindo das perguntas existenciais e concretas sobre as contradições aparentes, mas questionadoras dessa providência, à primeira vista tão esquisita. O rigor, nesse caso, consiste em estimular as pessoas a não se contentarem com falsas respostas genéricas e indicar alguns caminhos pelos quais se pode encontrar uma ação mais coerente com o Evangelho.

5) Simplicidade e Prudência: “Eis que vos envio como ovelhas para o meio de lobos; sede, pois astutos como as serpentes e simples como as pombas”. (Mateus 10.16). O ambiente empresarial preza muito as feras

(palavra, aliás, muito usada para qualificar e elogiar o perfil de alguns executivos!). Portanto, a prudência é necessária para não prejudicar um possível diálogo em nome de uma ingenuidade despropositada.

6) Autenticidade: o grande compromisso ético do teólogo é ser ele mesmo, na presença de Deus e do seu povo, para testemunho de todas as nações da capacidade de regeneração do amor incondicional do *ágape*, o amor de Deus em Cristo por todos os pecadores: “Por que Deus amou ao mundo de tal maneira que deu seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”. (João 3.16).

Registra-se que a prudência de esperar o momento mais propício para uma tentativa de diálogo ou de intervenção não significa instalar-se numa postura relativista e pragmática diante do conflito de interesses dos poderosos que se encontram a serviço da construção da *Cidade dos Homens*. As soluções concretas para os problemas humanos reais, certamente, não passam pela ambiguidade. É certo também que, o teólogo não se abrigará a sombra de soluções simplistas para os complexos problemas do Homem contemporâneo: “cada caso é um caso”. A Palavra de Deus é um paradigma, não uma camisa de força para o pensamento e a existência humana.

h) Habilidade para o testemunho da Presença e da Compaixão de Deus no mundo: o mundo não deve ser temido e nem evitado, deve, antes, ser percebido como o palco da atuação de Deus na história humana: “Pois era Deus que em Cristo reconciliava o mundo consigo, não imputando aos homens as suas faltas, e nos confiou o ministério da reconciliação”. (II Coríntios 5.19). O teólogo deve ter em mente que desempenha uma função profética de testemunho do amor de Deus. Esse testemunho deve ser manifesto não apenas perante o rebanho de fiéis, mas especialmente diante daqueles que por alguma razão ainda não foram tocados pelo Espírito Santo para receber o dom da fé e perante aqueles que foram vítimas da maldade dos Homens e por isso tem sua fé abalada.

## **CONCLUSÃO**

Temos duas classes de instituições educacionais – as que reproduzem conhecimento e as que o produzem. Vimos que a produção do conhecimento só ocorre com muito trabalho, com muita pesquisa. Além disso, é preciso considerar que a pesquisa é algo que se não faz sozinho, mas coletivamente. E isso é algo que também precisamos superar. Eu participo de um grupo de pesquisa com mais 10 (dez) doutores. Nessa terra de gigantes não dá pra fazer carreira *sozinho*, precisamos pegar os

melhores dos melhores para fazer pesquisa. Hoje é bem aceito grupos com pelo menos três ou quatro doutores.

Outro detalhe fundamental é que nossa pesquisa precisa ser relevante e falar ao Homem de hoje. Numa certa ocasião, convidei um professor de teologia para falar para metalúrgicos que estavam em greve, ele falou sobre a pessoa teantrópica de Jesus. Ao final da “pregação” uma senhora foi cumprimentá-lo, dizendo que tinha adorado a pregação, mas que não havia entendido nada. O teólogo tem que ter olhos na nuca para ver o passado e levar em conta a Palavra de Deus, pois não acredito que alguém possa fazer Teologia sem a Revelação. Mas deve utilizar os olhos da frente para ver os dilemas do mundo contemporâneo e lhe apresentar soluções baseadas na Revelação. Para isso, a memória vai servir pouco, será preciso se valer da inteligência, da experiência, do *insight*, da reflexão crítica. Portanto, o teólogo precisa sair de sua torre de marfim para compreender e dialogar com a realidade e com o conhecimento já adquirido pela humanidade. E isso, para projetos de Iniciação Científica é quase pré-requisito.

Está na hora de fazermos uma reflexão teológica brasileira! A mudança de consciência que se faz necessária, aqui, é uma tarefa para o novo milênio. E cabe à geração jovem realizar, com decisão o esboço de futuro que tentamos apresentar aqui. O futuro tem muitos nomes, diz Vítor Hugo:  
Para os fracos é o inatingível.  
Para os tímidos é o desconhecido.  
Para os bravos é a oportunidade. (KÜNG, 1999. p. 471).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTOLI, Jean. *Teologia e profissionalização: o teólogo como profissional*. In: Teologia: profissão. São Paulo: Soccer e Loyola, 1996.
- CAPRA, Fritjof. *The Tao of Physics*. Boston: Shambhala, 1975.
- \_\_\_\_\_. *O Tao da Física*. São Paulo: Cultrix, 1980.
- FREIRE, Paulo. *A Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- GOMES, Antonio Máspoli de Araujo. *Religião, Educação e Progresso. As contribuições do Mackenzie College para a formação da mentalidade empresarial de São Paulo entre 1870 a 1914*. São Paulo: Mackenzie, 1999.
- GOMES, Antonio Máspoli de Araujo Gomes, et alli. *Teologia, ciência e profissão. A identidade, a formação e o campo de atuação profissional do teólogo no Brasil*. São Paulo: Fonte, 2007.

- GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O Que é o Método Científico*. São Paulo: Pioneira, 1989.
- HOWARD, Gardner. *Inteligências Múltiplas, a teoria na prática*. Trad. Maria Adriana Veronese. Porto Alegre: ARTMED, 2000.
- KÜNG, Hans. *Uma ética global para a política e a economia mundiais*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- MENDONÇA, Antonio Gouvea. Ciências da Religião, afinal do que estamos falando? In: GOMES, Antonio Máspoli de Araujo Gomes, et alli. *Teologia, ciência e profissão. A identidade, a formação e o campo de atuação profissional do teólogo no Brasil*. São Paulo: Fonte, 2007
- Ricoeur, Paul. *A Memória, a História e o Esquecimento*. São Paulo: Unicamp, 2007.